



COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000
v. 19, n. 2, p. 80-94, jul.-dez. 2024

O museu do Ipiranga e sua acessibilidade educacional enquanto museu com acervo digital

El museo Ipiranga y su accesibilidad educativa como museo con colección digital

The Ipiranga museum and its educational accessibility as a museum with a digital collection

Aline Lisangela da Silva Galvani CARVALHO

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da FAAC (UNESP)
E-mail: alsg.carvalho@unesp.br

Ana Elisa Lara PAULINO

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da FAAC (UNESP)
E-mail: ana.l.paulino@unesp.br

Enviado em: 16 set. 2024
Aceito em: 03 dez. 2024

RESUMO

Nas últimas duas décadas, os museus físicos têm investido em estratégias de comunicação para disponibilizar os acervos culturais brasileiros ao público nas redes. Neste sentido, buscamos apresentar neste artigo algumas das ações adotadas pelo Museu do Ipiranga para proporcionar a acessibilidade educacional através do seu acervo digital. Os estudos na área da comunicação que serão explorados adiante, denotam a preocupação institucional do museu para além de conservar, preservar e salvaguardar os bens museológicos. Ao disponibilizar o acesso ao acervo digital, o Museu do Ipiranga contribui não somente para a inclusão e a democratização da cultura, como também reforça seu compromisso educacional com a sociedade.

Palavras-chave: *Acervo digital; acessibilidade; comunicação; educação; Museu do Ipiranga.*

RESUMEN

En las últimas dos décadas, los museos físicos han invertido en estrategias de comunicación para poner a disposición del público las colecciones culturales brasileñas en la web. Teniendo esto en cuenta, este artículo pretende presentar algunas de las acciones adoptadas por el Museo Ipiranga para proporcionar accesibilidad educativa a través de su colección digital. Los estudios en el área de la comunicación que se explorarán a continuación muestran la preocupación institucional del museo más allá de conservar, preservar y salvaguardar los bienes museísticos. Al facilitar el acceso al acervo digital, el Museo Ipiranga no sólo contribuye a la inclusión y democratización de la cultura, sino que también refuerza su compromiso educativo con la sociedad.

Palabras-clave: *Colección digital; accesibilidad; comunicación; educación; Museo Ipiranga.*

ABSTRACT

Over the last two decades, physical museums have invested in communication strategies to make Brazilian cultural collections available to the public on the web. With this in mind, this article presents some of the actions taken by the Ipiranga Museum to provide educational accessibility through its digital collection. Studies in the field of communication, which will be explored below, show the museum's institutional concern beyond conserving, preserving and safeguarding museum assets. By providing access to the digital collection, the Ipiranga Museum not only contributes to the inclusion and democratization of culture, but also reinforces its educational commitment to society.

Keywords: *Digital collection; accessibility; communication; education; Ipiranga Museum.*

Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões acerca da maneira na qual o Museu do Ipiranga transforma a acessibilidade educacional através do seu acervo digital. Tal processo evidencia a evolução da comunicação desta instituição, uma trajetória comprometida em democratizar o conhecimento por meio de suas coleções, mostrando como o museu pode ser um ambiente comunicacional para além das paredes físicas da arquitetura que salvaguardam seus itens históricos.

Buscou-se, então, como objetivo geral apontar os benefícios educacionais que a disponibilização do acervo digital do Museu do Ipiranga pode exercer sobre a população brasileira, agregando o ponto de vista comunicacional do mesmo. Para tanto, serão analisadas as particularidades do *website* do museu citado, juntamente com o auxílio de bibliografias na área da Comunicação que fundamentam as conclusões que serão apresentadas adiante.

Serão apresentados o museu e a contextualidade na qual se encontra inserido, para então refletir-se sobre a acessibilidade proporcionada por ele, principalmente do ponto de vista educacional, perante a sociedade brasileira de modo geral, onde todo e qualquer cidadão pode ser considerado um educando de acordo com os conhecimentos ofertados pela instituição no seu processo comunicacional.

O Museu Paulista, Museu do Ipiranga

O Museu Paulista é composto por duas unidades, o mais conhecido deles é o Museu do Ipiranga, que possui sede no bairro do Ipiranga na capital paulista (Matos, Kipnis e Lima, 2022, p. 2) e o museu anexo, o Museu Republicano “Convenção de Itu” localizado na cidade de Itu, no estado de São Paulo (Glezer, 2003, p. 9). Como esta pesquisa foi direcionada ao acervo digital do Museu do Ipiranga, o presente artigo não trará especificidades acerca das coleções que compõem o museu anexo, contudo, por uma questão de fundamentação teórica, é possível que seu nome seja citado ao longo da exposição deste trabalho. Ainda relacionado a escolha pelo museu pesquisado, optou-se pelo Museu do Ipiranga por pertencer à “Categoria B – Museu Virtual Conversão Digital (que é o museu que possui um território real e foi representado também no ciberespaço)” (Lima, 2009, p. 2460-2464, *apud* Ferreira e Rocha, 2018, p. 14 e 15).

Lugar de antigas tradições, um cenário que abriga vários eventos, o museu desempenha de forma estratégica a projeção de objetos que inspiram o sujeito a construir uma crítica do passado, e a partir disso, projetar um futuro. É assim que a memória intrínseca em objetos históricos age no espectador, elas tensionam um estado de profunda introspecção, e destas experiências intensas ocorre a produção de novos significados (Gadamer, 1997). O Museu do Ipiranga colabora neste processo de ressignificação ao expor fragmentos de um repertório material, itens que narram a história do Brasil Imperial, e ao fazer isso, provocam uma série de leituras sobre um passado marcado por processos políticos e sociais, acontecimentos que justificam muitas das demandas de grupos marginalizados, lutas que permeiam a sociedade brasileira até hoje (Oliveira, 2017, p. 12).

No entanto, antes de aprofundar no contexto histórico e social representado pelo acervo digital do referido museu, é necessário compreender a cronologia que marca seu surgimento. O edifício do antigo Museu Paulista foi fundado na capital paulista no ano de 1895, precisou ser fechado por risco de desabamento em agosto de 2013, passou por várias obras de restauro, ampliação e modernização do seu espaço em 2019, para ser reinaugurado em setembro de 2022, mesma época da celebração do bicentenário da Proclamação da Independência do Brasil (Matos, Kipnis e Lima, 2022, p. 2). A coordenação da instituição é associada a figuras importantes, entre eles, os diretores Hermann von Ihering (1894-1916), seguido por Affonso d'Escragnolle Taunay¹ (1917-1945), mas foi somente com

a incorporação do Museu Paulista à Universidade de São Paulo, em 1963, e mais recentemente em 1990, a sua especialização no campo da História e da Cultura Material, na gestão de Ulpiano Bezerra de Meneses (1989-1993), criaram as condições para que a própria trajetória do Museu, de suas exposições e produção científica divulgada por meio das revistas que editou se tornassem também objetos de pesquisa (Lima, 2017, p. 7).

Vários autores que se dedicaram a pesquisar sobre a criação do Museu Paulista associaram a sua origem a políticas públicas e administrativas, especificamente, à uma preocupação do Estado de São Paulo em salvaguardar o Monumento do Ipiranga (Bittencourt, 2012, p. 150), erguido a partir de 1885 em comemoração a Independência e ao Império (Glezer, 2003, p. 10). Tal informação é de fato coerente, entretanto, foi na gestão de Taunay que ficou evidente uma preocupação particular “na preparação de coleções e séries de pinturas e retratos que constituíram a decoração interna do edifício do Museu”,

¹ Affonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958), formou-se em engenharia civil, mas dedicou-se aos estudos de historiografia e nesta área consagrou-se mestre do bandeirismo paulista e do período colonial brasileiro. Como engenheiro foi professor da Escola Politécnica da USP e posteriormente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade.

compondo então itens que representassem de forma significativa a trajetória histórica e cultural da instituição (Oliveira, 2017, p. 15).

A tarefa de organizar objetos que representavam vários ramos do conhecimento mostrou-se um desafio para os diretores que passaram pela coordenação administrativa do museu. A pesquisa realizada por Moraes (2008, p. 203-204) explica que na gestão do diretor Hermann von Ihering (1894-1916) houve uma maior atenção em preservar a comunicação cívica do museu, enquanto a direção de Affonso d'Escragnolle Taunay (1917-1945) se dedicou em implementar o perfil de Museu de História ao Museu Paulista.

A atuação dos diretores foi um assunto explorado na tese de Ana Cláudia Fonseca Brefe (1999, s. p., *apud* Anhezini, 2017, p. 55 e 56) onde a autora afirma que partiu de Afonso Taunay a dedicação intensa em reunir um acervo enciclopédico que fizesse do Museu um museu histórico, “voltado para a História natural”. Embora as mudanças tenham sido direcionadas para alterar o *corpus* do acervo, a pesquisa de Brefe (1999) destacou também o esforço de Taunay em preservar os aspectos relacionados a História Pátria, uma intervenção que permitiu manter um diálogo com a História Natural, sem alterar as particularidades do museu (Anhezini, 2017, p. 57).

Em meio ao esforço na catalogação do acervo e à importância de sedimentar qual seria o seguimento do museu, a instituição investiu no espaço editorial para não apenas divulgar conhecimento, como também utilizar da comunicação como uma forma de assegurar o prestígio que o museu pretendia consolidar no país (Bittencourt, 2012, p. 150-151). Para isso, o diretor Hermann von Ihering (1894-1916) adquiriu na época uma pedra calcária, que seria a matriz litográfica para produção das capas dos volumes I ao VIII da revista. A mídia impressa foi intitulada como “A Revista do Museu Paulista”, e sua produção permaneceu assim até o volume XVI, cedendo lugar a uma foto/imagem no volume XVII (Bittencourt, 2012, p. 175-178). Como analisado por Bittencourt (2012, p. 179), a “Revista do Museu Paulista” foi substituída por “Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo” até o ano de 1947.

Os meios de reprodução utilizados pelo Museu do Ipiranga evidenciam o desejo especial em aproximar o público por meio da imagem reproduzida (Benjamin, 2015, p. 16), e como esperado, o avanço da tecnologia que se seguiu, permitiu a evolução das técnicas de reprodução, alterando também os modos de interação do público com a cultura. A intensificação das interações intermediadas por dispositivos tecnológicos fez com que a Museologia viesse “a reconhecer a necessidade de incorporar modalidades de interpretação

e comunicação interativas” (Roque, 2018, p. 25), levando a instituição a compor estratégias para expor digitalmente seu acervo físico em plataformas digitais.

Museu do Ipiranga “tá on”

Estar disponível ou presente no ambiente virtual, é o significado obtido pelo Google para o termo “tá on”. A indicação utilizada pelo Museu do Ipiranga em seu *website* sugere como o museu não mediu esforços para interagir com o público nas redes. De acordo com informações do *website* do Museu do Ipiranga, a plataforma teve seu início na internet em 1999, mas foi somente em 2011 que “a instituição publicou seu primeiro repositório *online* de imagens do acervo”, e desde então o museu não parou de adotar iniciativas para se comunicar com o público virtual. O Museu do Ipiranga também possui uma variedade de páginas nas redes sociais, entre elas, *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *LinkedIn* e o *Instagram*, que permitem a visualização de parte do acervo, anexo de comentários e compartilhamentos de seus conteúdos.

As inovações do museu em comunicação não pararam por aí, e a partir de 2020 profissionais desenvolveram diversos módulos do ambiente virtual 3D, espaço que permite a visita virtual ao edifício-monumento e seu jardim, bem como às salas expositivas e a interação com o acervo modulado digitalmente. O museu possui um aplicativo para celulares Android e IOS, o “Museu do Ipiranga Virtual”, o projeto *Gamers* do Ipiranga conta com o jogo eletrônico M.I.D. “Museu do Ipiranga em Defesa!” e minigames de quebra-cabeças. Outro ponto positivo é o recurso de visita virtual 360° ao edifício histórico de sua unidade anexa, o Museu Republicano de Itu, através da ferramenta Google *Arts & Culture*² (texto informativo fornecido pelo *website* do museu – <https://museudoipiranga.org.br/>).

O *website* do Museu do Ipiranga

Como visto acima, o Museu do Ipiranga desenvolveu mais de uma forma para o público interagir com o museu, e mesmo que sejam meios eficazes para o fazê-lo, outra maneira é acessar a plataforma digital do Museu. O acesso ao *website* é relativamente simples, desde que o usuário tenha um dispositivo tecnológico em mãos e acesso à internet. A partir

² O Google *Arts & Culture* foi fundado em 2011 como uma iniciativa sem fins lucrativos. O objetivo é criar ferramentas e tecnologias que possibilitem a parceiros como museus, galerias de arte e instituições culturais levar seus acervos para além das quatro paredes da instituição e compartilhá-lo com uma audiência global.

disso, basta digitar no navegador “Museu do Ipiranga” que o buscador trará o endereço eletrônico do museu (<https://museudoipiranga.org.br/>) na tela. Ao clicar no *link*, o usuário não precisará fazer um cadastro para visita, logo irá se deparar com um breve rolo de vídeos que mostram algumas pinturas em 3D de artistas como Pedro Américo, um vislumbre de como é a fachada e pequenos trechos do interior do museu.

É importante observar que o *website* segue as recomendações de acessibilidade do governo brasileiro, principalmente as do WCAG (*World Content Accessibility Guide*), do W3C (*World Wide Web Consortium*) e do e-MAG (Modelo de Acessibilidade do Governo Eletrônico), ferramentas estas que visam colaborar para uma navegação de qualidade, e que buscam promover um melhor aproveitamento das funcionalidades disponíveis na plataforma.

O *website* está disponível nos idiomas português e inglês, além de contribuições para acessibilidade virtual, que contam com funções como, aumento de fonte, contraste de tela e um tradutor de libras para deficientes auditivos. Ainda na página inicial existem opções de interação, entre elas, “para entender o museu”, “uma história do Brasil”, “passados imaginados” e “linha do tempo convida a uma viagem pela história do museu” são alguns dos títulos que sugere ao usuário a conhecer mais sobre a criação da instituição. A plataforma possui também um sistema de busca interno, o que facilita a pesquisa por informações sem o usuário precisar interromper sua visita. Num todo, o *website* possui um *layout* extremamente didático, um mapa de navegação limpo e de fácil interação com o público.

Para os usuários iniciantes na página, o museu oferece o “Mapa do Site” com destaque para os *links* principais, trazendo informações sobre o museu, exposições, instruções para passeios escolares e com teor inclusivo para portadores de deficiências e em situação de vulnerabilidade social, e, talvez, o *link* de acesso mais importante de todos: o “acervo digital”. Segundo informações deste último *link*, a digitalização do acervo do Museu do Ipiranga foi realizada com o auxílio do *software* livre Tainacan³ (desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília), o programa é utilizado também por instituições conhecidas, entre elas, IBRAM (Instituto Brasileiro de Museu),

³ O Tainacan é um *software* livre e gratuito, uma solução tecnológica para a criação de coleções digitais na Internet. Pensado para atender a realidade dos museus brasileiros, é um programa que permite a gestão e a publicação de acervos digitais de forma fácil e intuitiva. Foi desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus.

FUNARTE (Fundação Nacional das Artes) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A vinculação entre as redes sociais do museu e o seu *website* oficial, também se encontra explícita. Ao acessar o Instagram e o Facebook do museu, nota-se primeiramente que as postagens são frequentes, em busca de abranger as relações comunicacionais, e proporcionar interesse da sociedade sobre aquele ambiente. Informações sobre horário, localidade, exposições, ingressos, colaboradores, cronogramas, eventos, curiosidades, datas comemorativas, entre diversas outras informações, são recorrentemente postadas nas respectivas redes, com vídeos e/ou imagens interativas, instigando os visitantes virtuais a adentrarem aos respectivos espaços, tanto de forma física, como digital.

Além do mais, todas as redes sociais vinculadas à instituição possuem *link* com fácil acesso para encaminhar o usuário diretamente para o seu *website*, podendo então ter acesso mais amplo sobre as informações propagadas pelo museu e seu acervo geral.

O acervo digital do Museu do Ipiranga

Instituições dinâmicas e comunicacionais, os museus são locais que viabilizam referências materiais para leituras de mundo, espaços de cunho pedagógico, que consistem em levar conhecimento para além dos ambientes formais, como as escolas de ensino básico, ou das universidades. Logo, compreende-se que o compromisso social dos museus ultrapassa o intuito de preservar artefatos e bens históricos de diferentes culturas, em que a reprodutibilidade digital dos acervos (Padilha, 2018) torna público o conhecimento através da interação com suas exposições.

Com base nisso, torna-se então perceptível a maneira como os museus, de modo geral, são ambientes que disseminam a comunicação, através da viabilização de uma relação direta entre emissores e receptores, fazendo do seu *website* um local para a mediação de informações, como afirma Roque (1990, p. 03)

O museu procura revitalizar a sua capacidade dialogante, assumindo-se como um meio de comunicação fulcral entre o Passado e o Presente. Emissor, o museu cumpre uma dupla função: a de actuar como pólo catalizador do meio comunitário e, simultaneamente, como desmistificador da Ciência, Arte e Cultura, no sentido em que interpreta estes campos do saber, tornando-os mais próximos do homem comum.

O acervo digital disponível no *website* do Museu do Ipiranga pode ser acessado por meio de três categorias, sendo elas: textuais, iconográficos e tridimensionais. Na categoria

textuais é possível baixar o “Guia Módulo Textual” e o “Inventário permanente do fundo do Museu Paulista”. Na categoria iconográficos, a pesquisa conta com os filtros: coleção, denominação, autoria, autoria atribuída e descritor. Na última categoria, a tridimensional, os filtros disponíveis são: denominação, autoria, coleção, classe, subclasse, origem e período. Até a data da elaboração deste artigo, o sistema de busca interna do *website* trouxe 82.447 itens para visualização, um número expressivo de objetos históricos, entre eles, medalhas, moedas, bandeiras, armamentos, pinturas, mobílias, fotografias, cartazes e documentos.

A quantidade de itens do acervo digital impressiona, e mostra o comprometimento do museu com várias esferas da sociedade, principalmente, com aqueles que por algum motivo se encontram impossibilitados de se descolar até o edifício físico. Ao público virtual, o museu capacitou sua plataforma para trazer o máximo de conhecimento sobre suas coleções, e ao clicar em um determinado objeto, o *website* apresentará na tela sua imagem ampliada, com o máximo de informações sobre o seu contexto e em qual período da história do Brasil aquele item está inserido.

Outra iniciativa do museu ao público virtual é a divulgação através do *website* do programa de curadoria digital, um projeto que convida pesquisadores, sejam eles acadêmicos ou não, que utilizaram as coleções disponíveis do museu como fonte para suas pesquisas particulares para propor possíveis recortes temáticos. A cada três meses novas curadorias são divulgadas, visando despertar o interesse do público para a plataforma digital, uma proposta que pretende atrair um número maior de visitantes virtuais para o *website* do Museu do Ipiranga e, com isso, legitimar o poder da ação educacional por meio da disponibilização do acervo digital.

A acessibilidade educacional do museu

Pelo exposto, compreende-se que o museu é um espaço constituído por elementos que o caracterizam como uma instituição visual por excelência. Partindo-se desta premissa, é possível analisar como a Museologia aperfeiçoou estratégias de visibilidade e interação, um fato que ganhou ainda mais notoriedade nas duas últimas décadas (Scheiner, 2023). Agora, com seu raio de atuação ampliado nas redes, o museu passou então a contemplar um universo para além da academia ao atingir o público em geral, investindo cada vez mais em ferramentas para digitalizar seu acervo.

Nesse sentido, a interface digital do museu contribui para a acessibilidade educacional a partir da fruição estética (Jahn, 2016), na disseminação da ciência na sociedade através da “aproximação do leigo ou não iniciado em ciência a alguns princípios, produtos e implicações da atividade científica” (Moraes, 2014, p. 09). A partir do momento que o ambiente físico pode ser acessado de forma virtual e seu acervo é disponibilizado digitalmente, ocorre também uma democratização da informação, onde os conteúdos ficam acessíveis à população, e, conseqüentemente, mais suscetíveis a debates.

A investigação sobre as visitas a acervos digitais faz com que a interação com a cultura se torne mais fácil e acessível, sem a necessidade de deslocamento físico, desde que o usuário tenha em mãos um dispositivo tecnológico e acesso à internet, devido à sua “instantaneidade, velocidade, retenção e propagação de imagens e mensagens, introduzem novas possibilidades de comunicação, divulgação e arquivo, alterando, simultaneamente, as relações ao espaço e ao tempo” (Babo, 2018, p. 79).

Como ambiente que propaga o conhecimento, os museus são associados ao processo educacional da sociedade, e ao ser desenvolvido também de forma *online*, seus acervos passam a ser acessados e utilizados para fins educacionais nos mais amplos ambientes, desde escolas, a projetos, ONGs, entre outros.

Dessa forma, a experiência vivenciada pelos indivíduos se dá como um processo educacional, já a partir do momento em que existem respostas individuais – ou coletivas –, sobre o ambiente museológico digital. Afinal, a musealização vai muito além dos objetos da exposição física, pois também está associado ao contexto no qual o indivíduo se encontra inserido socialmente, pois assim como afirma Moraes (2014, p. 05)

musealização não seria a operação que visa proceder de forma a sacralizar objetos ao entrarem no contexto museal, mas, ao contrário, uma operação que objetiva enfatizar a carga semântica dos objetos que sejam representativos para determinados grupos sociais a fim de acionar experiências sensíveis capazes de transformar uma dada realidade.

Podendo ser utilizado como um ambiente investigativo, o museu com acervo digital proporciona um caráter de protagonismo ao usuário, construindo seu conhecimento e seus argumentos, com base nos questionamentos refletidos no processo comunicacional entre museu virtual e educando. “[...] é fundamental pôr em movimento todo um conjunto de ações, de construção de argumentos que possibilitem superar o estado atual e atingir novos patamares do ser, do fazer e do conhecer.” (Moraes; Ramos; Galiazzi, 2012, p. 15, *apud* Fabricio, Cazzanelli; Lara; Denardin, 2022, p. 362).

Logo, a digitalização do acervo do museu também se encontra associada à acessibilidade educacional do ponto de vista econômico. Afinal, inúmeras vezes os ambientes físicos museológicos são pouco acessíveis a indivíduos menos abastados, por diversos motivos, seja por falta de condições para locomoção geográfica, dificuldades de pagamento para entrada, e até mesmo falta de informações sobre possíveis gratuidades; fazendo com que consequentemente o conhecimento associado ao suposto museu, seja limitado somente a um público mais elitizado.

Além de que, o acesso ao conhecimento e a educação de modo geral, esta historicamente vinculada as altas camadas da sociedade, fazendo com que as demais classes não desenvolvam o sentimento de total pertencimento educacional ao conhecimento proporcionado pelo ambiente museológico. De acordo com Bourdieu (2007 *apud* BINA, 2011, p.33)

Foram muitos séculos de sacralização do acervo museológico, com a valorização da cultura da elite dominante, cuja concepção museográfica teve como parâmetro, como vimos, os procedimentos de exclusão por falta de comunicação e interlocução adequadas. Tal postura disseminou, em todo o mundo, a ausência das populações “menos favorecidas cultural e economicamente” nos museus.

A aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação que agilizaram a digitalização dos acervos dos museus minimizaram as problemáticas associadas ao ponto de vista econômico, tornando a acessibilidade educacional da instituição mais presente na sociedade de modo geral.

Conclusão

A história do Brasil é marcada por personagens importantes, e é possível compreendê-la ao absorver informações em sua arquitetura, monumentos, retratos, e em objetos que preservaram sua identidade histórica. Das revistas impressas às mídias digitais, o museu, como laboratório do conhecimento, é o local responsável por salvaguardar este repertório do saber, ao mesmo tempo que se compromete a encontrar meios para evoluir em processos comunicacionais e se aproximar cada vez mais do público.

Mesmo que durante séculos, o ambiente museológico tenha sido associado e grandemente limitado somente a classes sociais elitizadas, o conhecimento é direito de todo e qualquer cidadão brasileiro, e sendo um estado democrático de direito, o Brasil deve

proporcionar o acesso à educação e ao conhecimento dos acervos guardados e cuidados pelos museus. Dessa forma, a digitalização do acervo faz com que o processo educacional se torne acessível a todas as camadas da sociedade, ou seja, democrático.

Explorar as possibilidades de acesso da história do Brasil por meio do acervo digital do Museu do Ipiranga, atestou possíveis percepções e valores alcançados em ambientes virtuais. Mesmo diante de tal observação, este trabalho não teve a intenção de redirecionar o público que pode se deslocar até o museu físico, mas de legitimar o poder de ação educacional que a plataforma digital tem a oferecer a alunos, pesquisadores, professores, instituições parceiras de ensino e para a sociedade brasileira de modo geral.

A educação ultrapassa as paredes físicas das escolas e/ou universidades, o conhecimento permeia pela sociedade recorrentemente, e de acordo com o contexto no qual se insere, seus receptores têm diferentes reações, conforme a realidade na qual se encontra inserido.

A disponibilização do acervo digital do Museu do Ipiranga que aqui foi analisada, reforça o compromisso desta instituição com o público, fazendo do visitante virtual mais do que um usuário que navega aleatoriamente em plataformas digitais, tornando-o um sujeito assíduo nas discussões que permeiam a realidade da sociedade brasileira, compreendendo isso com um ponto de vista sócio-histórico e crítico. Uma transformação que pode tornar a sociedade brasileira além de viva, crítica e consciente das suas problemáticas, de acordo com a sua própria origem e coerente com sua história na integridade.

REFERÊNCIAS

ANHEZINI, K. A construção de Afonso Taunay como historiador e objeto de estudo. In: Oliveira, C. H. de S. **O Museu Paulista e a gestão Afonso Taunay: escrita da história e historiografia, séculos XIX e XX.** Universidade de São Paulo. Museu Paulista, 2017. DOI: 10.11606/9788589364102. p. 47-71

BABO, I. Média, tempo e memória. **Vista**, [S. l.], n. 2, p. 77–95, 2018. DOI: 10.21814/vista.2995. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/2995>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, W., et al. **Benjamin e a obra de arte, técnica, imagem, percepção.** Trad. Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Org. Tadeu Capistrano. Contraponto, 2015. p. 11-42

BINA, E. D. **Políticas Culturais em Revista. Museus e comunidade: comunicação e educação.** 1 (4), p. 20-35, 2011 - Disponível em: www.politicasculturaisemrevista.ufba.br

<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/5315/3844>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BITTENCOURT, V. L. N. Revista do Museu Paulista e(m) capas: identidade e representação institucional em texto e imagem. **Anais do Museu Paulista**. N. Sér. v.20. n.2. 2012. p. 149-184. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/J5LNgvhrfGZw4CfyxDCnYg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024

FABRÍCIO, C.; CAZZANELLI, P.; LARA, I. C.; DENARDIN, L. Visitas Virtuais em Museus: uma proposta de ensino com pesquisa para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental em meio a uma pandemia. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 5, n. 4, p. 357-371, 21 dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/12831>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FERREIRA, R. R.; ROCHA, L. M. G. M. Museus Virtuais: entre termos, conceitos e formatos. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, ANCIB, v. 11, n. 2. 2018. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/download/469/451>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica**. (3a ed). Editora Vozes, 1997.

JAHN, A. R. M. **O museu que nunca fecha: a exposição virtual como um programa de ação educativa**. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.27.2017.tde-15032017-152042. Acesso em: 16 abr. 2024.

MATOS, F.; KIPNIS, R.; LIMA, I. C. F. de. O chinelo do Museu do Ipiranga - USP: acervo, memória e poder. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 37, p. e0401, 2022. DOI: 10.5965/2175180314372022e0401. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180314372022e0401>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MORAES, F. R. de. Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering. **Anais do Museu Paulista**, 16(1), 2008. pp. 203-233. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27316106>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MORAES, J. N. L. Comunicação e Educação em Museus: a divulgação de informações e a “Poesia das Coisas”. (v.7, n.1, jan./jun.), 2014. **Tendências Da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/152113>. Acesso em 19 abr. 2024.

MUSEU DO IPIRANGA. **Museu do Ipiranga**, 2024. Disponível em: <https://museudoipiranga.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PADILHA, R. C. **A representação do objeto museológico na época de sua reprodutibilidade digital**. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em

Ciência da Informação da UFSC. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187088/PCIN0169-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em 2 abr. 2024.

ROQUE, M. I. R. **A Comunicação no Museu**. Dissertação (mestrado) final do curso de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio Artístico na Universidade Lusíada. Lisboa, 1990. Disponível em: https://www.academia.edu/4057469/A_comunica%C3%A7%C3%A3o_no_museu. Acesso em 30 mar. 2024.

ROQUE, M. I. R. O dilema do museu: Apenas real ou também virtual? In Ilharco, F., Hanenberg, P. e Lopes, M. S. (Ed.), **Patrimônio cultural e transformação digital**. (pp. 21-31). Universidade Católica Editora, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/24609>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SCHNEIDER, Tereza. Conceitos, Termos e Linguagens da Museologia: novas abordagens. **Anais do XXV ENANCIB**. UFMG, ANCIB, 2014. p. 4644-4663. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/189188>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SCHIAVINATTO, I. L.; LIMA JUNIOR, C.. Museu Paulista: do teatro da memória ao museu laboratório: em torno da Independência do Brasil. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 30, p. d1e42, 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-02672022v30d1e42>

VERSIANI, M. H.. Patrimônio cultural: modos de ver e conhecer. **Anais VIII Seminário Nacional do CMU – Memória e acervos documentais, o arquivo como espaço produtor de conhecimento**. Editora UNICAMP, 2016. Disponível em: <https://www.cmu.unicamp.br/viiieminario/wp-content/uploads/2017/05/Patrim%C3%B4nio-Cultural-modos-de-ver-e-conhecerMARIA-HELENA-VERSIANI.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS

ALINE LISÂNGELA DA SILVA GALVANI CARVALHO

Mestranda em Comunicação pelo programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista (FAAC-UNESP), especialista em Psicopedagogia (UNIMES), graduada em Artes Visuais (UNIMES) e bacharel em Sistemas de Informação (UNIFIO). Membro do grupo de pesquisa MidiAisthesis na FAAC-UNESP, Câmpus de Bauru/SP.

E-mail: alsg.carvalho@unesp.br

ANA ELISA LARA PAULINO

Mestranda em Comunicação pelo programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista (FAAC-UNESP), Graduada em História-Licenciatura e Pedagogia, ambas pela Universidade do Sagrado Coaração (USC) Bauru/SP, especialista em História Cultura e Poder (UNISAGRADO). Membro do grupo de pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov.

E-mail: ana.l.paulino@unesp.br